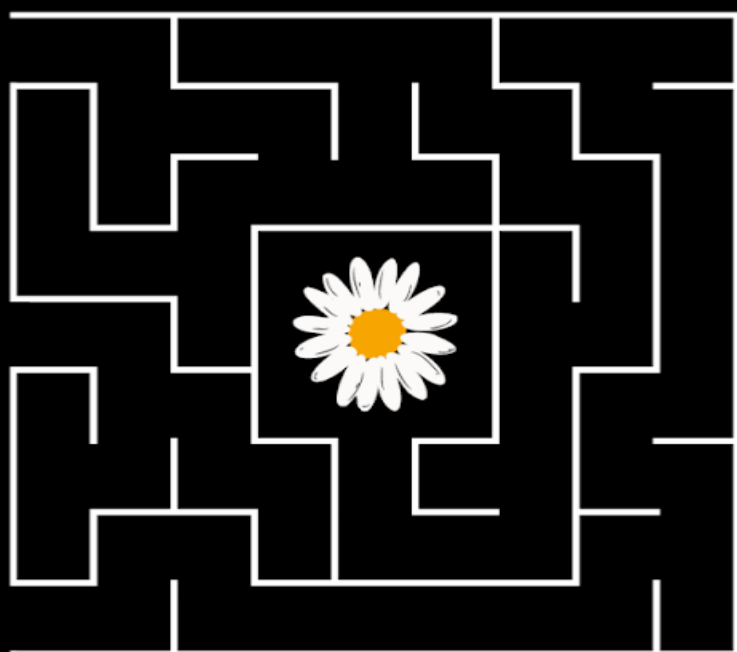




ONDE ESTÁ O NARIZ DE AEOBÁ?

ONDE ESTÁ O NARIZ DE AEOBÁ?

SINOPSE

ONDE ESTÁ O NARIZ DE AEOBÁ?

Uma menina negra de pele escura. Aeobá é uma menina negra de pele escura, retinta, apaixonada por histórias de trancoso. Todos os dias costuma sentar-se ao pé da rede em que deita sua avó para ouvi-la contar essas histórias. A menina convive com sua avó e seu avô, pois nem ela sabe muito sobre seu pai e sua mãe. Sua avó trabalha com artesanato e seu avô marinheiro. Adora ir ao mar conversar com os peixes, enquanto observa seu avô zarpar num navio de pesca. Certo dia, ao sentar-se ao lado de sua avó, começa a questionar sobre algumas coisas que pensou ter ouvido dos colegas da escola, quando eles fizeram uma brincadeira com seu cabelo. Pergunta por sua avó uma vez, duas vezes... A menina Aeobá depara-se com uma situação que a transformará para sempre, enquanto todos os caminhos por onde passa tornam-se o negrume das grandes águas. *Onde está o nariz de Aeobá?* — Pergunta Exu. Sabendo que essa pergunta somente as crianças serão capazes de respondê-la.

[...]

ATO III

CRIAÇÃO CÊNICA

As crianças são convidadas a adentrar o espaço cênico com o intuito de uma vivência teatral.

PROPOSTA DE TEXTO DRAMATÚRGICO

CENA I: MANDACARU

Exu é odara, sempre positivo, e como ele pode ajudar nas situações mais difíceis. (PRANDI, 2017, p. 33)

(Cenário Inicial: Uma rede armada no meio do palco. Luz geral. A luz vai gradualmente baixando, enquanto dois refletores clareiam a rede pelas laterais, produzindo uma sombra na parte de trás da mesma. Aparece uma menina negra balançando a rede vazia. Posteriormente haverá um black-out e a rede será ocupada por sua avó. Então ela aparece novamente balançando a rede, mas balançando sua avó).

A primeira cena acontece com a imagem da rede iluminada no meio do palco. Enquanto o tempo vai passando aparentemente devagar, aparece uma menina negra, que vem andando para o palco, e posiciona-se ao lado da rede. Ela olha para o tecido, fica olhando para o espaço, e pouco a pouco vai balançando a rede. A proposta é que o balanço da rede ocorra de forma gradual, para que o público acompanhe o movimento de Alobá balançando a rede vazia, enquanto toca alguma melodia. A cena vai se descortinando num clímax de sons e palavras, enquanto a rede vazia é balançada.

(Todas as luzes estão apagadas, e o público está na plateia, aguardando o espetáculo iniciar. As vozes em off são reproduzidas em som.)

NARRADORA (VOZ OFF): Às vezes nesse mundo nós nos perdemos de nós mesmas, tenho certeza que as Iabás, as moças que você encontrou, lhe mostrarão o caminho de volta, assim como fizeram comigo há muito tempo atrás...

VOVÓ (Voz Off): Menina, você pegou a caixinha de quitutes da Vovó? Eu acho que ainda tem daquelas cocadas tão deliciosas, hm...

VOVÔ (Voz Off): Amanhã a gente vai brincar de pega-peixe na praia!

AEOBÁ (Voz Off): Mas a minha vovó disse que eu não podia brincar de amarrar as bonecas hoje.

MENINA 1 (Voz Off): E quem disse que eu te chamei pra brincar?

MENINO 2 (Voz Off): A minha mãe não gosta que eu brinque com você.

CORO DE CRIANÇAS (Voz Off): Nega do Óleo, cabelo de bombril, Nega do óleo tem cabelo de bombril!

VOVÓ (Voz Off): Meu coração, você é a pessoa mais importante pra mim, você sabia? Vovó adora quando vem pentear seu cabelo, porque a gente cuida bem dele, a gente tem que tocar em nosso orí de forma carinhosa. Não deixa ninguém dizer que seu Orí não é importante, que seu cabelo não tem forma, não tem jeito. Você é linda Aeobá. Você é única. Eu agradeço a Deus por sua vida, viu? Nunca mude seu jeitinho, viu? Vovó ama você do jeito que você é.

NARRADORA (VOZ OFF): Naquele dia Aeobá viveu a maior tristeza de sua vida. Além de ter conhecido as pessoas que lhe tinham feito chorar, Aeobá ficou lembrando daquelas palavras, e ficou remoendo-as no coração. Cada palavra pesava na sua lembrança, e a fazia desgostar daquilo que até mesmo, um dia, tinha aprendido. Embora se dissesse que ela tinha que se amar independente de qualquer coisa, a realidade certamente se mostrava diferente e cruel.

BLACK-OUT, AEOBÁ BALANÇA A VOVÓ NA REDE

AEOBÁ: Vovó, você acha que eu pareço a mãe das águas? (Aeobá pega na rede, e vai lentamente descendo o braço, abaixando a cabeça e mantendo seus olhos na direção do chão. Vovó em silêncio).

AEOBÁ: Vovó, eu não sou importante nem pra mim, porque eu vou ser igual à mãe das águas?

AEOBÁ: Vovó, você tá me ouvindo? Porque você não me responde vovó? (Aeobá balança um pouco mais a rede e começa a olhar para sua avó, chega mais perto, e olha por cima)

AEOBÁ: Vovó? Mãe! ...

A menina sai do palco correndo. A rede vai tomando forma luminosa, e nesse momento representa o encantamento da Avó de Aeobá. Luzes começam a surgir de vários lugares dançando para cima, e levando o movimento da imagem do palco, em muitas cores, muitas formas, muitos brilhos reluzentes que representam poeticamente o encantamento da morte da Vovó. Todo o palco é tomado por uma criação imagética de brilho, de voo, de movimento para cima, enquanto a rede vai tomando a forma vazia, igualmente a imagem da rede na cena inicial. A sonoplastia é uma melodia composta especificamente para dar um sentimento de elevação, de transformação, enquanto o palco vai subitamente se transformando em cores, luzes e movimento, representando o processo da morte da Avó.

A imagem das luzes no palco vão se transformando em água, em grandes ondas, invadindo o palco como se fosse o próprio mar. São as lágrimas de Aeobá.

[Fim de cena]

CENA II

NEGRUME DAS ÁGUAS

EXU: De onde surgiu essa água toda? Até parece que houve uma tempestade. E pelo que sei, hoje Iansã ainda não passou por esse caminho, não. Mas onde será que vai dar esse curso d'água? Se eu chegar por ali eu vou achar onde é que esse negócio aqui vai desembocar. Mas espera aí...

Exú olha para o outro lado do caminho e começa a seguir as águas para saber a origem de tanto azul. Exu chegando no começo das águas avista uma menina encolhida num canto e um longo caminho das águas surgindo de seus olhos.

EXU: Olha... Mas o que temos aqui?

A menina lentamente levanta a cabeça e olha ao redor para entender o que está acontecendo. Dá um sobressalto de susto ao perceber a figura que estava à sua frente. Inicialmente ela não sabe quem é. Assusta-se pela indumentária e pela grande imagem que surge de sua cabeça. Exú possui um figurino que foge do comum, nada se assemelhando à forma humana. Possivelmente depois, como bem querer, ele pode escolher aparecer de uma maneira mais habitual, porém neste exato momento, faz questão de querer confundir as coisas...

AEOBÁ: Quem é você?

EXU: Mas é você que está causando essa água toda pelo caminho? Como você conseguiu essa proeza?

A menina Aeobá chorava tanto que suas lágrimas formavam espelhos d'água pelo caminho, refletindo o azulado do céu, e por vezes algumas tonalidades esbranquiçadas por causa das nuvens. Em contraste ao azul, sua pele negra refletia e por vezes cintilava, provocando alguns pontos riscados de brilho e negrume.

AEOBÁ: A minha mãe disse para eu não falar com estranhos.

EXU: Eu sou mais amigável do que parece, Menina das Águas.

AEOBÁ: Você me chamou de quê?

EXU: Menina das Águas! Não é você que vem derramando essa água toda?

Aeobá de repente começa a chorar novamente e toda água volta a invadir a imagem do palco. Dessa vez, formam-se a imagem de ondas que de tão grandes são reproduzidas por grandes tecidos azuis e tecido tule que vão dominando o espaço do palco, produzindo uma imagem estética das lágrimas de Aeobá.

EXU: Por que você tá chorando menina? Desse jeito você vai inundar a terra! Pare aí que eu preciso caminhar!

Aeobá permanece chorando

EXU: Mas o quê que essa menina tem? Ô menina! Menina, por que você tá chorando tanto? Para com isso! Você precisa parar agora!

Exú vendo que a menina não ia parar de chorar de forma alguma, dá um grito.

EXU: Ei! Cão! Umbora pajaú! Para de chorar! Onde já se viu? Eu hein? Bora todo mundo pode sair. Avia! Bora, bora!

Quebra de Brecht. Ação cômica. Exu despacha todo mundo enquanto “briga” com Aeobá por conta do tamanho choro inundando os caminhos. Todo mundo que se diz são os atores e atrizes espalhados pelo palco: Olha para todas as pessoas que movimentam os tecidos que representam o choro e as águas de Aeobá, e os expulsa na base do grito. Depois que todo mundo sai, volta sua atenção para a menina.

EXU: Ande minha filha, venha cá. O que está acontecendo, por que esse choro medonho, menina?

AEOBÁ: A minha mãe disse pra eu não conversar com pessoas estranhas.

(Com a quebra de brecht anterior, a menina aparentemente para de chorar)

EXU: Mas você acha que eu sou uma pessoa? Você tá vendo uma pessoa? Ainda mais estranha?

AEOBÁ: É... Você não parece uma pessoa mesmo não, mas estranho parece até demais **(Faz uma careta)**. Eu acho que mamãe não tava exagerando quando disse pra não falar com estranhos.

EXU: Estranha parece você com esse zói de chororô aí que não para de chorar...

(Exu parece comportar-se como uma criança birrenta)

EXU: Avia... Por que você estava chorando desse jeito?

(Exu imita um choro esganiçado, estridente: BUÁ, AAAAA, e grita, e bate os braços, exagerando a forma de chorar da menina).

AEOBÁ: Poxa, eu nunca mais vou ver a minha Avó! Ela que cuidava de mim com meu avô. Cadê a minha vovó? Vovó... Vovó... (Chora baixinho, cabisbaixa).

EXU: Olha, eu vi mesmo umas coisas que aconteceram por aqui esses dias, teve um negócio brilhante que deu na casa de alguém. Você chegou a ver? Eu vi tudo...

AEOBÁ: Hã? O que foi que aconteceu?

EXU: Vamos, eu vou lhe contar no caminho.

Enquanto Exu dizia a última frase, a personagem sai de cena e deixa Aeobá sozinha no palco. Ao longo da imagem, vai-se abrindo um caminho que desemboca num pequeno Mandacaru ao chão, brilhante, brilhando, preparado para o caminho e a história de Aeobá. Ela chega

*pertinho do objeto, como se temesse tocá-lo, segura-o cuidadosamente, observando aquele pequeno objeto brilhante em suas mãos. **Black-Out.***

[Fim de cena]

CENA III LAGARTA PINTADA

Exu aparece de repente no meio do palco. Com aquela facilidade em sair e surgir nos lugares como ninguém, Exu aparece procurando alguns cacarecos por suas coisas. Procura alguma coisa que ele sabe bem o que é, mas insiste em fazer cena, porque Exu adora aparecer (ironicamente). Uma profusão de objetos aparecem sendo arremessados para o ar, uns caindo no chão novamente, outros sendo arremessados a uma distância considerável do centro do palco. Barulho, muito barulho. Barulho de cacareco e coisa caindo no chão e barulho de água.

EXU: Aquela menina ainda está chorando? Já não bastou aquele negócio brilhante que eu deixei no meio do nada pra ela ficar brincando? *iiiiii*, já vi que vou ter que fazer outra coisa.

Exu continua procurando alguma coisa nos seus cacarecos, encontra uns pacotes de tinta colorida.

EXU: Olha, aqui não tem esse negócio de não dar certo, esse truque aqui vai funcionar!

Exu se paramenta, e troca a vestimenta que utiliza, um grande orbe negrume com detalhes prateados, por uma roupa de palhaço.

EXU: Essa menina vai ter que me dar um sorriso!

Exu se prepara para dar seu bote.

EXU: Ô menina! Aeobá! Aeobá! Ô Jatobá! Vem aqui!

A menina aparece diretamente da coxia.

EXU: O que é que está acontecendo que você ainda está triste, minha menina?

AEOBÁ: Eu perdi minha avózinha, meu grande amigo.

EXU: E isso são modos senhora? Chorar até tomar o posto da chuva que cai do céu? Você não pode mudar a forma como são os fenômenos climáticos não, menina!

AEOBÁ: Me desculpa, eu não quero ficar chorando.

Exu com algumas cartas na manga começa a fazer um truque de magia, sem sucesso para animar a menina. Aparece um triciclo em cena, e a menina nada. Cambalhota, nada disso parece animar o semblante daquela criança. Parece que tenta outras vezes a

depender da animação dos atores. Quando de repente tem uma ideia simples, e ao mesmo tempo mirabolante.

EXU: Já sei! — Dá um grito e todos se assustam, até Aeobá! — Eu tenho uma ideia infalível.

Exu como tudo sabe e tudo vê sabia bem o que poderia animar aquela criança. Lembrou-se das brincadeiras que ela fazia com sua avó, e uma delas com uma importância muito grande para a menina. Quando começou a cantar, a menina Aeobá levantou os olhos e fitou-o profundamente.

EXU: Lagarta pintada quem foi que pintou... Foi uma velhinha que passou por aqui. No tempo da era fazia poeira, puxa lagarta na ponta da orelha!

Exu puxa o nariz de Aeobá, igualzinho fazia a avó quando com ela brincava. A menina imediatamente se lembrou de sua avó, e começou a sorrir.

EXU: *Onde está o nariz de Aeobá?* (Pergunta às crianças da plateia)

CENA IV

AS CRIANÇAS SÃO CONVIDADAS A CONSTRUÍREM A ENCENAÇÃO NO ATO DA EXPERIÊNCIA CÊNICA.

A proposta pode seguir como numa contação de histórias, orientando-se ou não pela proposição do roteiro seguinte, o (a) educador (a), os e as artistas, as crianças e todos participantes possuem a liberdade para incentivar a sua própria arte de criação dramática

Uma rede de pesca é lançada ao mar. As ondas do mar produzidas pelos tecidos azuis, brancos e transparentes dão lugar às grandes redes de pesca que tomam conta da moldura imagética do palco. Toma-se uma grande coreografia, em que ao encontro do mar, pescadores lançam suas redes para a captura do alimento e o domínio das grandes águas.

Ao longe se observava surgir no horizonte a ponta de uma grande embarcação. Seus apitos sopravam no ar uma potente melodia que fazia “*fon-fon*” anunciando a nova chegada do tempo das navegações sobre o além-mar. A embarcação surgia flutuante, imponente sobre a realidade invencível do mundo. Pouco tocava a superfície das águas, fazendo com que sobrevoasse a imensidão dos mares. Quando era preciso, submergia-se para a face voluptuosa das profundezas marítimas. Constelações brilhavam sobre o céu noturno, e durante o dia, sobrevoava a estrela reluzente das manhãs. Por um longo tempo, quem a observava a partir do outro lado do horizonte, apenas percebia o nariz da embarcação, conhecida como proa, e uma pequena palavra inscrita nas suas laterais: *Arabi*

Havia uma grande tripulação a bordo, todos envolvidos pelo sustento e movimento daquele enorme objeto flutuante. Pouco se podia observá-la, pois sua aparição sempre se dava em momentos de tempestade. Logo uma tempestade ocorria no mar, lá estava surgindo a embarcação por entre os raios e trovões. A embarcação anunciava um novo tempo em meio ao caos das trovoadas. Não era possível percebê-las em águas tranquilas, águas rasas e mansas, surgindo no horizonte por entre os vãos das descargas elétricas ocasionadas pelas grandes nuvens carregadas de energia. Embora, toda vez que surgisse, era possível que a tempestade se acalmasse.

A bordo também navegava um comandante, muito respeitado, por sinal, pois que sua voz mansa e imponente era capaz de ser ouvida sobre todas as outras. Quando o comandante falava, todos paravam e escutavam. Sua voz era também como um trovão, a lembrar a todos que ali estavam, que ali era um lugar de encantaria.

[FIM]

Roteiro dramático

Onde está o nariz de Aeobá?

Por: Daniele Teotônio